

José Martí: tecnologia e modernização

Fabio Muruci dos Santos¹

Resumo: Este artigo discute os temas da tecnologia e da modernização nas crônicas do pensador cubano José Martí. Martí sempre demonstrou interesse pelos desenvolvimentos tecnológicos e industriais de sua época, procurando atualizar seus leitores e estimular o uso da tecnologia nos países da América Espanhola. Superando os limites da propaganda, porém, suas crônicas oferecem uma série de reflexões sobre as vantagens e problemas que a modernização técnica poderia trazer para o homem moderno. Ao mesmo tempo em que demonstrava entusiasmo pelo poder da técnica em libertar o homem de trabalhos árduos e relações servis, permitindo que se dedicassem ao crescimento espiritual, Martí apontava os efeitos destrutivos que a ganância, o materialismo e a falta de respeito pelo ser humano podiam causar se dominassem as atividades técnicas. Sua aspiração parecia ser uma aliança entre técnica e cultura que pudesse estimular a imaginação humana e difundir os valores democráticos que prezava.

Palavras-chave: José Martí; tecnologia; indústria.

José Martí: technology and modernization

Abstract: This article discusses the issues of technology and modernization in the chronicles of the Cuban thinker José Martí. Martí always showed interest in the technological and industrial developments of his age. He wanted to update his readers and encourage the use of technology in the countries of Spanish America. But going beyond the limits of propaganda, his chronicles offer a series of reflections on the advantages and problems that technical modernization could bring to modern man. Even though he showed enthusiasm about the power of the technique to release man of hard work and servile relations, allowing them to devote themselves to spiritual growth, Martí also pointed to the destructive effects that greed, materialism and lack of respect for human beings could cause if they mastered technical activities. His aspiration seemed to be an alliance between technology and culture that could foster human imagination and spread the democratic values that he admired.

Keywords: José Martí; technology; industry.

Artigo recebido em: 20/02/16

Artigo aprovado para publicação em: 15/05/2016

¹ Doutor em História pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. Professor do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História Social das Relações Políticas da Universidade Federal do Espírito Santo.



Ao informar aos leitores do periódico *La América. Revista de Agricultura, Indústria e Comércio* sobre uma mudança de proprietários, José Martí defendeu que a publicação

[...] si bien con meras apariencias de una publicación de anuncios – fue fundada y conducida de manera que, gradualmente y de sí propia, acabase al fin por ser un órgano severo, fiel y vigilante de los intereses generales de la América Española y especiales de ésta en los Estados Unidos. (MARTÍ, 1973, p. 214).

O periódico foi criado em abril de 1882 por empreendedores cubanos estabelecidos em Nova York com o propósito de divulgar desenvolvimentos técnicos e industriais que pudessem interessar aos empresários cubanos e de outros países hispano-americanos. Em grande parte, se tratava de uma revista de anúncios, com fotos e descrições de novas máquinas e produtos agrícolas, desenvolvimentos no campo da eletricidade e modernização dos transportes urbanos. Martí cumpria a função de propagandista das vantagens da tecnologia para países agrícolas. Embora existam dúvidas sobre a extensão exata do seu período de colaboração, parte dele como diretor, uma série de textos dos anos de 1883 e 1884 está disponível². Neste período, publicou a maior parte de seus trabalhos sobre a questão da técnica, embora tenha voltado a abordar o tema em diversos textos posteriores.

Nosso objetivo é discutir as reflexões de Martí sobre a técnica nesses artigos, propondo que ele a via como resultado e estimulador das capacidades criativas do homem moderno capazes de libertá-lo das amarras de uma vida repetitiva e servil, típica das sociedades monárquicas e aristocráticas. Ao mesmo tempo, Martí demonstrava aguda percepção sobre as consequências degradantes que a tecnologia poderia trazer para as camadas mais pobres da população ao ser aplicada de forma egoísta e desumana. Tais tensões são particularmente exploradas nas suas crônicas sobre o impacto da técnica na paisagem e vida urbanas, onde destacava a degradação ambiental e os riscos para a segurança e saúde dos trabalhadores que operavam máquinas. Sua expectativa, acreditamos, era desenvolver uma visão humanística da técnica direcionada para oferecer tempo e liberdade para que o homem pudesse se dedicar ao aperfeiçoamento espiritual. Assim, apesar de suas críticas a certas consequências negativas da técnica, não deixava de ser um entusiasta de seus potenciais libertadores.

² A maioria dos textos de Martí sobre técnica está reunida nos volumes 8 e 28 da edição cubana das Obras Completas, publicados em 1963 e 1973 respectivamente. Textos inéditos podem estar presentes na nova edição crítica que está sendo preparada atualmente, mas a qual não tivemos acesso ainda.

Sua percepção sobre o valor desse tipo de texto sempre foi ambígua. Em sua correspondência, reclamava da estafante obrigação de escrever regularmente sobre os mais diversos assuntos, tratando esta atividade como uma necessidade para a sobrevivência de um escritor exilado, sempre sob a pressão dos prazos. Entretanto, também devotava certa consideração por eles, a ponto de procurar garantir que fossem incluídos em uma planejada edição de suas obras (RODRIGUEZ, 2006, p. 231). A crônica se constituiu, nas últimas décadas do século XIX, como um gênero de escrita característico das novas condições de trabalho enfrentadas pelos escritores latino-americanos, resultado da ampliação e diversificação do mercado editorial nas principais cidades. A escrita periodística se apresentava, ao mesmo tempo, como uma alternativa de sobrevivência e uma possibilidade de manutenção da influência social das letras, causando diversas mudanças nas práticas literárias, anteriormente articuladas com o Estado e a Igreja pós-colonial. Uma das inovações era a possibilidade de uma maior autonomia da criação estética frente às exigências da política. Mas essa mudança também trazia angústias relativas ao papel da literatura no mundo moderno e sobre até que ponto isto implicaria na submissão do escritor às exigências do mercado (ROTKER, 2000).

Martí percebia as novas demandas que essa atividade poderia impor aos homens de letras: “El periodista ha de saber, desde la nube hasta el microbio” (MARTÍ, 1963, vol. 10, p. 235). Esta multiplicidade de exigências suscitava temores a respeito de uma possível perda do caráter autoral do trabalho literário. Mas poderia trazer, por outro lado, novas formas de interação dos escritores com um público maior que as elites letradas. Como tal, apresentava-se como uma ameaça ao papel tradicional do letrado hispano-americano de produtor de escritas ordenadoras articuladas com as necessidades de construção dos Estados nacionais e de racionalização das leis e instituições (RAMOS, 1989). Martí era sensível às incertezas e pressões trazidas por esse novo lugar de escrita, mas, ao mesmo tempo, viu este novo horizonte como uma possibilidade de redefinir as relações do letrado com o poder, assumindo a posição de crítico dos projetos de modernização autoritários. Recorrentemente, criticou os letrados hispano-americanos por sua propensão em servir aos poderes tradicionais e por seu beletrismo.

Martí dedicou boa parte de sua vida ao trabalho com a crônica, empenhando-se para transformar o gênero em algo mais que um tipo de jornalismo de atualidades e curiosidades cotidianas. Embora reconhecesse e lamentasse as pressões sob as quais esses textos foram produzidos, sempre procurou elaborá-los artisticamente, o que contribuiu para o



reconhecimento dele como um dos maiores escritores da língua espanhola no período: “Es mal mío no poder concebir nada en retazos, y querer cargar de esencia los pequeños moldes, y hacer los artículos de diario como si fueran libros” (MARTÍ, 1963, vol. 9, p. 16). Um critério fundamental para que um escritor sério pudesse se dedicar a este gênero seria superar o caráter de “telegrama” da crônica, de mero texto informativo, e aplicar ali um desenvolvido esforço interpretativo e estético. Era um projeto de manter a dimensão autoral da escrita em um meio que pedia a brevidade. Essa exigência se tornava ainda mais urgente se lembrarmos que o envio de mensagens por telégrafo sem fio para a América Espanhola começou a operar nos anos 1870, tornando cada vez mais ameaçada a posição da crônica estritamente noticiosa.

Tais sentimentos se tornam compreensíveis durante a leitura de vários desses artigos. Martí transformava anúncios em textos de reflexão sobre o papel da tecnologia no mundo moderno e suas consequências para a criação do que, frequentemente, chamava “o novo homem” que estaria emergindo. Sua posição como divulgador de novidades dos países mais industrializados era transformada em uma observação dos novos cenários que a modernização tecnológica estava criando nas últimas décadas do século XIX. Este quadro seria marcado pela aceleração das transformações, experiências sensoriais inéditas, especialmente produzidas pela velocidade propiciada pelas novas técnicas, e um contexto geral de fragmentação dos valores e práticas tradicionais. A própria velocidade dos movimentos na cidade grande fornecia um indicador do grau de modernidade ali presente (BREMEN, 1995). Martí procurou usar uma escrita marcada por cenas fantasmagóricas, referências épicas e históricas e senso de maravilhoso para transportar seus leitores hispano-americanos “pela mão”, como descreveu algumas vezes, ao cenário das façanhas que a era dos inventores estaria realizando. Embora ressaltasse constantemente a importância prática das novas tecnologias para a modernização dos países agrícolas, sua escrita demonstra também um evidente propósito de encantar seus leitores, de despertar o entusiasmo pelos potenciais criativos da técnica.

Muito além de suas obrigações como divulgador e propagandista, seus textos desenvolvem discussões elaboradas sobre os benefícios e problemas que a modernização traria também para as nações hispano-americanas. Podemos supor que a forma matizada e, às vezes, ambígua com que tratava o tema da modernização não deveria agradar plenamente seus empregadores, proprietários de jornais amplamente comprometidos com o estímulo da aproximação da América Espanhola com os Estados Unidos e com o processo mundial de



expansão do capitalismo. Nesse sentido, é importante ler esses textos com certos cuidados, já que a sua posição impunha algumas limitações à sua liberdade de opinar. É sabido que editores de mais de um dos periódicos com os quais colaborava lhe mandaram cartas cobrando uma postura menos ácida a respeito de alguns aspectos da sociedade e da política norte-americanas. Alguns textos mandados de Nova York foram editados antes da publicação. Até que ponto essas tensões interferiram na escrita de Martí ainda é um assunto debatido e que tem gerado análises bastante antagônicas, muitas vezes marcadas pelas preferências ideológicas de cada intérprete ou pela metodologia de leitura aplicada.

O tema da modernização esteve presente no pensamento dos letrados hispano-americanos durante boa parte do século XIX. A forte influência de uma narrativa histórica marcada pela ideia do “atraso” dessas regiões, em comparação com os países tidos como “modernos”, estimulou o interesse pelos desenvolvimentos tecnológicos da época, especialmente quando, nas últimas décadas do século, a expansão comercial e militar europeia parecia tornar indispensável o domínio das novas técnicas como meio de garantir a independência das ainda jovens repúblicas americanas. No entanto, o desejo de modernização local nunca deixou de ser marcado pelas singularidades da própria concepção de “moderno” vigente entre as elites letradas. A crença na vocação agrária do continente latino-americano era forte na visão de muitos deles. No pensamento de letrados das primeiras gerações pós-independência, como Andrés Bello e Domingo Sarmiento, a ideia de modernização estava mais direcionada para o incremento tecnológico da economia agrícola, a racionalização administrativa do Estado visando superar o estado de caos que percebiam como dominante na paisagem americana e o policiamento e disciplinarização dos costumes visando atualizar seus povos com os *mores* de uma Europa produtiva e empreendedora. Aspirações por uma potencial revolução industrial ainda eram pouco visíveis ou mesmo tidas como indesejáveis. O aparecimento da máquina e da fábrica no imaginário modernizador local se deu lentamente (RAMOS, 1989).

Martí, especialmente durante seu período como colaborador de *La América*, foi um entusiasta das possibilidades abertas pela técnica. Dedicou muita atenção em sua produção jornalística às novas experiências sensoriais geradas pela paisagem urbana, além de acompanhar com curiosidade o dia a dia dos avanços tecnológicos. Em suas crônicas, não deixou de demonstrar intenso entusiasmo pela era de invenções e maravilhas tecnológicas em



que afirmava viver. Uma percepção fáustica sobre o capacidade da técnica de maximizar os poderes produtivos da humanidade é constantemente reiterada nesse período: “Mover montañas y transportar ríos serán sin duda pronto ocupaciones fáciles para los hombres. No bien descubren el ferrocarril eléctrico, - ya van a atravesar con él el Támesis”. (MARTÍ, 1973, vol. 28, p. 266). Regularmente, demonstrava entusiasmo pelas grandes obras de engenharia do período, a ponto de saudá-las como realizações máximas da imaginação contemporânea: “[...] las mayores obras de esta edad de concordia y ensanche, y paso a otro mundo, son un istmo y un puente”. (MARTÍ, 1964, vol. 13, p. 257). Martí compartilhava da euforia da época com a capacidade da ciência prática em movimentar grandes massas de matéria e moldá-la de acordo com as criações da fantasia. Em suas crônicas sobre grandes obras, como na famosa “El Puente de Brooklin”, são as soluções criativas dadas para difíceis problemas práticos que mais atraem sua admiração, o que contribui para gerar uma escrita que é descritiva e informativa, mas carregada da sensação de deslumbramento. Os engenheiros estariam entre os heróis dos tempos modernos. Ao escrever um perfil biográfico de John Augustus Roebling, criador da ponte do Brooklin, comenta: “Como crece un poema en la mente del bardo genioso, así creció este puente en la mente de Roebling” (MARTÍ, 1964, vol. 13, p. 256).

Seus comentários sobre o lugar da máquina e das forças industriais na história humana apresentam diferentes narrativas. Uma delas ressaltava o caráter prometeico da técnica como estimuladora do desenvolvimento das forças criadoras humanas. Em seus primeiros escritos, contrastava frequentemente o desenvolvimento material e humano trazido pela economia industrial em comparação com o caráter improdutivo do extrativismo mineral:

La historia del desarrollo de la civilización humana corrobora este aserto: que los pueblos grandes y los pueblos poderosos viven y prosperan allí en donde pródiga la naturaleza rinde el carbón y el hierro al trabajo asiduo, y no en donde la rica veta del metal precioso brinda su fruto (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 447).

Esta narrativa da superioridade moral do “carvão e do aço” sobre o “metal precioso” pode ser inserida na oposição maior que Martí estabelecia entre a riqueza produtiva, que considerava moralmente superior, e a riqueza herdada ou especulativa. O enriquecimento através do próprio trabalho, muito presente no ideal do *self made man*, era altamente valorizado por Martí como um caminho para um mundo livre das formas de servidão, material e política,



que caracterizariam as sociedades monárquicas e aristocráticas. Embora nunca tenha abandonado esses princípios, desenvolveu uma visão progressivamente mais crítica sobre as ameaças que esses mesmos ideais estariam sofrendo nos Estados Unidos da *Gilded Age* (SANTOS, 2004). Gostaríamos de propor que muitas das manifestações de entusiasmo com as novidades tecnológicas, especialmente nesse período inicial de estadia nos Estados Unidos, estão relacionadas com esse otimismo inicial.

De fato, o desenvolvimento tecnológico do período não indicava, necessariamente, uma radical mudança no universo político da Europa oitocentista. Ao contrário, os poderes monárquicos e classes aristocráticas europeias promoveram ou se apropriaram do imaginário tecnológico com bastante eficácia e determinação. Como aponta Francisco Foot Hardman, as Exposições Universais, que proliferaram nas últimas décadas do século e atraíram milhões de visitantes, continham uma série de indicações dessa apropriação. Criadas, em princípio, para serem vitrines do progresso, das novidades tecnológicas e de novos campos de empreendimento econômico, seus catálogos informam a presença forte de elementos estéticos e econômicos bastante tradicionais. Junto com a nova estética funcional do vidro e do aço, exemplificada pelo famoso Palácio de Cristal da exposição londrina de 1851, as exposições traziam uma estética ornamentalista, com referências e pastiches barrocos e elementos decorativos abundantes. Muito da atração pelo “moderno” se confundia com o gosto por certos estilos da época, como o Art Nouveau, muito distantes das exigências de funcionalidade e simplicidade que predominariam na estética modernista posterior. Certamente, a presença de ornamentos, do dourado e do decorativo, contribuiu muito para o deslumbramento que tais eventos causavam nas massas que os visitavam. Ao mesmo tempo, suscitavam críticas de observadores mais interessados nas possibilidades práticas da técnica do que em seu valor decorativo.

As Exposições Universais, como a propaganda da modernidade tecnológica em outros setores, faziam parte da elaboração de uma cultura de encantamento pela técnica. A fascinação pela máquina e as novas experiências sensoriais que ela permitia é típica da época do aumento da velocidade trazido pelas ferrovias, da invenção do cinema e outras formas de ilusionismo técnico e das comunicações à distância. A máquina expandiria as relações humanas, integrando os mercados mundiais, e, em uma visão mais encantada, aproximando povos e estreitando o contato entre os homens. Tal cultura de encantamento, porém, expandia-se também para os potenciais destrutivos. O deslumbre com a técnica, transformada em objeto de contemplação,



contribuiu para a aceitação dos grandes inventos militares do período, apesar do discurso da paz mundial bastante difundido então. As armas de grande poder destrutivo foram transformadas em objetos estéticos em si mesmos, abrindo caminho para o entusiasmo pela guerra que explodiria nas primeiras décadas do século seguinte (FOOT HARDMAN, 1988).

Martí foi um entusiasmado comentador de exposições tecnológicas em diversos lugares, o que talvez fizesse parte de suas obrigações jornalísticas. Em alguns casos, teve a oportunidade de visitá-las pessoalmente; em outros, escreveu suas crônicas a partir de catálogos ou comentando escritos de outros visitantes. Em algumas oportunidades, demonstrou incômodo com os excessos de ornamentalismo que visariam mais o deslumbramento do que a educação científica do público:

No fue aquélla, como otras, exhibición muda, más curiosa que útil, de la que sacan los visitantes mayor asombro en los ojos que novedad activa en las ideas y provecho en la mente: fue una exhibición explicada, práctica, de utilidad inmediata [...]. (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 352)

Apesar disso, suas crônicas contêm abundantes elementos do maravilhoso técnico que caracterizava o período das Exposições. Em suas narrativas de visitas a diversas exposições e fábricas, descreve o poder de fascinação que as potencialidades da máquina abrem, muitas vezes criando um ambiente de sonho, como nas fábricas de lâmpadas elétricas: “Parecen esas lindas fábricas maravillosas llenas de espíritu femenino: entrar en las factorías donde las trabajan, es como entrar en fábrica de espíritu” (MARTÍ, 1973, vol. 28, p. 184). Sua escrita está repleta de expressões do maravilhoso para descrever máquinas: “olhos colossais”, “formoso mistério”, “fábrica de espírito”, “séquito de maravilhas”. Longe de objeto frio e mecânico, a máquina contém um potencial de poesia e criação que a integra com o espírito.

Esta escrita deve ser colocada em seu contexto adequado para o melhor entendimento da poética que Martí constrói em torno da máquina. Em sua narrativa histórica do progresso tecnológico, ele tentava articular o desenvolvimento da técnica com o horizonte da democratização política, que acreditava também estar em gestação. Esta narrativa segue caminho inverso aos processos de construção de um imaginário que conciliasse a nova técnica com formas políticas tradicionais, monárquicas, aristocráticas ou militaristas, presentes em algumas das exposições universais europeias. Seu objetivo era uma leitura da técnica como



instrumento de democratização do mundo político e social moderno. Este ideal democratizador era frequentemente expresso na defesa de um regime republicano amplamente inclusivo, um dos aspectos mais importantes do seu pensamento político. É a partir desta aspiração que podemos entender suas expectativas alentadoras sobre os potenciais da técnica, expressa em elogios sobre um mundo contemporâneo em que “se fabricam mais locomotivas do que canhões” (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 407). Esse entusiasmo se insere em uma narrativa que aponta para a abertura de um novo futuro político e não apenas material. Uma narrativa prometeica em que a técnica contribuiria para libertar o homem das amarras das sociedades senhoriais e monárquicas, passo essencial para a criação do “homem novo”:

Distinguíéronse los tiempos feudales por su modo de ahondar fosos: y estos tiempos por cegarlos. Distinguíéronse los reinados de Enriques y Franciscos por la fabricación de pesadas armaduras y mortíferas catapultas: y el reinado del hombre, que comienza, distínguese por enemigo de la muerte. Aún se mata; pero se fabrican ya más locomotoras que cañones. (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 407)

Daí que suas crônicas contêm numerosas referências históricas críticas ao uso da técnica de forma imperial e militarista:

[...] un carro movido ya sin tropiezo, y con gracia y holgura, por la electricidad. ¡Oh, cuán distantes éstos de aquellos otros carros de victoria en que entraban por Roma, precedidos de esclavas desnudas y de hombres atados, los generales triunfadores! (MARTÍ, 1973, vol. 28, p. 193)

A crença de que a tecnologia industrial contribuiria para a disseminação de valores democráticos não era incomum nos Estados Unidos pós-Guerra Civil, em geral, acompanhada de louvores à máquina e profecias de abundância. O acelerado desenvolvimento industrial do país no imediato pós-guerra parecia dar crédito a tais rompantes. Para os mais entusiastas, era a prova da vitória da promessa norte-americana. Outros já temiam que a “máquina no jardim” (MARX, 1976) ameaçaria a sociedade de pequenos produtores agrícolas, trazendo os horrores da massificação e proletarização visíveis nas grandes cidades europeias. Foi traumática a constatação de que as crises geradas pela industrialização acelerada, concentração de renda e emigração em massa demonstraram suas primeiras consequências exatamente em um dos setores mais cultuados pelo imaginário modernizador, as grandes greves de ferroviários dos anos 1870 e 1880, que trouxeram para a América as apavorantes cenas europeias de conflito



entre trabalhadores e tropas de choque, atentados e execuções. Longe de fortalecer a igualdade de oportunidades, a máquina trazia a luta de classes para o seio da América, onde, supostamente, ela nunca teria existido (TRACHTENBERG, 1982). Nas crônicas de Martí, podemos observar a presença tanto do entusiasmo democrático quanto o temor pela desigualdade crescente na era industrial.

No primeiro caso, a técnica aliviaria o homem das formas mais rudes de trabalho, disponibilizando mais tempo para a educação e o desenvolvimento de suas capacidades criativas: “[...] el tiempo en que los hombres, dueños ya de los secretos de la naturaleza, podrán entregarse con más reposo a las nobles labores de espíritu, y vivir más felices y más dignos sobre la tierra!” (MARTÍ, 1973, vol. 28, p. 268). O entusiasmo pelas novas invenções que informa aos seus leitores o leva mesmo a fantasiar sobre as possibilidades abertas pelo futuro em um ensaio de especulação tecnológica, bem ao gosto da época de Verne: “Día llegara en que pueda llevar consigo el hombre, como hoy el tiempo en el reloj, la luz, el calor, y la fuerza en algún aparato diminuto” (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 416). Martí foi um curioso leitor das ficções especulativas do período, tendo escrito resenhas dos romances *A Connecticut Yankee in King Arthur's Court* de Mark Twain e *Looking Backward* de Edward Bellamy. Um tom profético e especulativo a respeito tanto das promessas quanto das catástrofes que um futuro tecnológico poderia trazer não é incomum em seus escritos desse período. Esta dimensão futurista sobre as possibilidades da técnica também ensejava, não surpreendentemente, uma estetização da máquina como nova forma de beleza, um conto de fadas para a era industrial:

Se leen mucho y con fruición grande, los cuentos profundos tejidos con perlas y esmeraldas y flores de oro, de *Las Mil y Una Noches*. ¡Quién pensara que igual impresión causa, y mayor orgullo deja, la lectura de algunos boletines de la Compañía de Luz Eléctrica. (MARTÍ, 1973, vol. 28, p. 267-268)

Martí foi um ardoroso defensor da importação de tecnologia para os países hispano-americanos. Seria um movimento essencial para o desenvolvimento das economias agrícolas locais. Suas manifestações mais entusiasmadas eram direcionadas para a expansão da eletricidade para as áreas agrícolas da América: “El departamento en que hemos de tener puestos con más cuidado los ojos los latinoamericanos, es el de las aplicaciones de la electricidad a las minas y a la agricultura [...]” (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 349). É possível que,



apesar de sua admiração pelos avanços industriais, o horizonte de modernização de Martí para a América Espanhola ainda apontasse mais para a melhoria técnica da economia agrícola do que realmente para uma nova era industrial. Fortemente influenciado por concepções agraristas, Martí considerava o trabalho produtivo com a terra como possuidor de superioridade moral diante das formas de enriquecimento baseadas na pura extração de riquezas da natureza, como a mineração de metais e pedras preciosas, ou da especulação fundiária e financeira. Isso não o impediu de manifestar aprovação por políticas de industrialização que satisfizessem certas condições rigorosas.

Embora defensor da necessidade de modernizar as economias hispano-americanas, defendendo insistentemente a promoção da educação técnica e motivando os empreendedores locais a adotar as novas tecnologias, Martí não era ingênuo sobre as barreiras e consequências que a modernização poderia trazer para sociedades dominadas por interesses latifundiários. Já em seus primeiros textos, escritos na Venezuela e no México, criticava a importação de tecnologia sem preparo adequado para sua inserção em uma economia produtiva. Comentando o entusiasmo generalizado com a expansão das ferrovias no México, Martí questionava o benefício que trariam, já que estariam basicamente destinadas a transportar a produção das áreas de mineração, com mínimo estímulo para a economia local: “[...] cruzar de ferrocarriles el suelo mexicano, cosa ciertamente bella para cuando haya algo que llevar por los nuevos caminos de hierro” (MARTÍ, 1963, vol. 6, p. 268). A indústria extrativa não geraria nenhum crescimento local, estimulando a concentração de terras e abandonando as populações indígenas sem aperfeiçoamento educacional ou profissional após o esgotamento dos veios.

Nesse ponto, devemos apontar que a percepção positiva de Martí sobre os potenciais libertadores da técnica não o impede de ser um arguto e ácido crítico de algumas de suas consequências desastrosas. Longe da celebração ingênua da máquina, estabelecia exigências precisas a respeito das condições em que seu poder transformador se daria e explorava, especialmente em suas crônicas urbanas, episódios que denunciavam os efeitos de seu uso exploratório. Repudiava os ideais do positivismo, influentes na época, acusando-os de esvaziar o homem de sua dimensão espiritual. O essencial de sua percepção, como aponta Júlio Ramos, era a articulação da matéria com o espírito, a máquina como instrumento da libertação da criatividade humana e não de sua miserificação espiritual. Martí descrevia a modernidade como vasto processo de fragmentação, de desunião entre matéria e espírito, trazida pelo egoísmo, o



distanciamento da natureza e a especialização mental que trazia a perda da compreensão do todo. Um desejo de reintegração entre essas partes percorre seus comentários sobre diversos aspectos dos cenários modernos (RAMOS, 1989). Entendemos aqui que seus julgamentos entusiasmados sobre os potenciais da técnica estavam conectados ao poder que via nela de aproximar os homens, desde que não estivesse submetida aos potenciais desagregadores que o mundo moderno também conteria.

A partir dessa compreensão, suas crônicas, ao mesmo tempo em que conectam a tecnologia com a emergência de novas possibilidades criativas, também exploram situações de ruptura entre técnica e espírito. O sentimento de isolamento muitas vezes é expresso em manifestações de nostalgia por certos aspectos mais solidários e orgânicos da vida hispano-americana: “Una mañanita de nuestros antiguos domingos, cordial y comunicativa, vale tanto como un ferrocarril o un puerto” (MARTÍ, 1963, vol. 10, p. 225). A vida calorosa e familiar do passado no Caribe não deveria ser desmerecida ou destruída pelo desejo modernizador sem freios. Progressivamente, o desconforto com as consequências negativas da vida moderna tornarão mais frequentes as manifestações de desejo por uma vida social menos egoísta e mais afetiva e solidária em seus escritos mais tardios.

Martí concede mais espaço aos trabalhadores e pessoas comuns nas suas crônicas, personagens que passam a ser dominantes a partir de certo ponto de sua trajetória. São inúmeras as reportagens sobre greves trabalhistas, organizações de solidariedade mútua, campanhas e sociedades filantrópicas, episódios cotidianos nas áreas mais carentes da cidade e outros temas que giram em torno da presença dos deserdados da sociedade capitalista no cenário das grandes cidades. Sua narrativa procura expandir o mundo da técnica pela inclusão de um conjunto de personagens maior do que os empreendedores, engenheiros e inventores que povoam suas crônicas iniciais. Embora esses grupos atraiam indubitavelmente a sua admiração, a paisagem moderna estaria incompleta sem os personagens anônimos que participavam do mundo da técnica. A técnica não deveria permanecer sob o domínio da ganância individual, de cuja presença na sociedade norte-americana ele se torna progressivamente mais ciente.

A inclusão dos trabalhadores em suas crônicas sobre tecnologia se faz por dois caminhos. Nas descrições, muitas vezes meticulosas, que fez sobre obras de engenharia ou transportes, Martí procura fazer referências ao papel dos anônimos nos grandes empreendimentos modernizadores na condição de sujeitos. Sua admiração emocional ao



contemplar a máquina era ampliada pelo fato de que elas eram produto das massas de trabalhadores. Comentando mais uma exposição, valoriza o heroísmo do homem comum que tinha erguido as novas maravilhas do mundo moderno:

Y sin embargo, ¡qué hermoso misterio es una máquina! Se adivina, con ver cada una de ellas, que es una presa nueva que el hombre hace al cielo y una estrella más que clava a la tierra. Ver una máquina, llena de orgullo; orgullo de ser igual en forma a quien le hizo. Se busca instintivamente con los ojos a los trabajadores, para estrecharles la mano. ¡Qué hermosos conquistadores, éstos de manos callosas, tez bronceada y espaldas fornidas! Tienen los contornos, la manera de mirar, y la de reposar, de los antiguos héroes. (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 352)

A nova realidade tecnológica, porém, estava longe de cumprir todas as suas promessas libertadoras, fato que transparece cada vez mais nos textos mais tardios, nos quais comenta episódios da vida nova-iorquina: “No se puede ver a un obrero de estas grandes ciudades sin sentir lástima, respeto y cariño. ¡Padecen tanto!” (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 437). Os perigos da indústria química também lhe parecem mais evidentes: “Bien se saben los riesgos de envenenamiento que corren los que trabajan en albayalde y arsénico, los que broncean, los que fabrican fósforos [...]” (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 438). O efeito destrutivo que as novas técnicas trazem para os seus operadores diários transparece com mais frequência na mesma tecnologia ferroviária que lhe suscita tantas manifestações de entusiasmo. Ao saber sobre uma invenção inglesa para proteger os olhos dos condutores de trens urbanos, aponta os perigos para a saúde dos trabalhadores gerados pelo contato com o ambiente industrial:

Debe ir siempre un maquinista de ferrocarril como arrebatado, como montado sobre llamas, como fascinado. ¿No se les ve en los ojos, por menguada persona que a veces sea, cierta serenidad grandiosa, luz extraña y heroica osadía? – Pues se las da el contacto constante con el espacio grandioso, - y el hábito fiero y saludable de enfrenar, acariciar, desatar, graduar una de las fuerzas locas de la naturaleza. Ver grandeza, hace grande: - quien entre en un taller norteamericano, donde las máquinas ruedan y rugen, y susurra el vapor y cuchichea, y pasan hombres con montes de artefactos a la espalda, y asciende el elevador, moderno recadero, como un espíritu sutil por entre las paredes, y hormigean centenares de trabajadores, y no cesan el ímpetu, el esfuerzo, el movimiento frenético y fantástico, la labor regular y colosal, la maravilla de tamaño y tiempo – no se asombra de que tales aprendices de taller hayan hecho tal pueblo. – Lo maravilloso les es natural, porque se crían en ello. Lo acometen todo, porque han visto acometer todo. De nada se sorprenden, porque viven en medio de lo sorprendente.

De este contacto de lo grande, sin el cual vive el hombre como larva pesada, y con el cual siente que, cansadas del sueño, se le abren en la espalda las alas; de este constante



comercio con la luz, con el fuego, con el viento cargado de chispas, con la noche sombría o serena, que deslumbra y fatiga los ojos, suelen venir a los maquinistas caprichosas enfermedades ópticas, o vicios visuales, que a menudo les impiden distinguir bien a la distancia en que ya es necesario, los colores de las luces diversas de los aparatos de señales. Frecuentísima e inevitablemente confunden la luz blanca con la roja. (MARTÍ, 1963, vol. 8, p. 408-409)

O movimento do texto expressa bem a percepção martiana dos duplos efeitos da técnica. O maravilhoso é parte constitutiva de uma sociedade norte-americana que investe na novidade e na liberdade de criar. Ele é uma presença no próprio cotidiano de um povo formado pelo culto da invenção, que ao mesmo tempo libera e procura dominar as forças da natureza. E sem essa disposição e liberdade para criar, os homens caem na condição de “larva pesada”, imagem que Martí frequentemente usa para indicar estados de servidão, apatia e decadência. A oficina é um vasto espaço de atividade frenética, repleta de sons produzidos pelo movimento das máquinas, como também pelo formiguejar disciplinado de multidões de trabalhadores, “maravilha de tamanho e tempo”. O condutor ferroviário vive em meio a essa maravilha, em contexto de sonho e deslumbre sensorial proporcionado pela aceleração, pelas luzes e efeitos químicos, “como se sentado sobre chamas”. Novamente, o ambiente técnico tem algo de onírico e fantasmagórico, lembra um espaço de magia. Mas esta mesma mágica tem efeitos perniciosos para a saúde dos trabalhadores ao ser usada com indiferença para com o ser humano. Atingido por fagulhas e elementos tóxicos, os condutores sofrem com doenças oculares pouco comuns. A mesma luz que “deslumbra” também “fatiga”. O sofrimento, porém, não leva Martí a desprezar a técnica porque a solução apresentada provém dela própria, através do uso humanizado das invenções.

Mesmo que mantenha o entusiasmo com a capacidade da técnica de resolver certos problemas que ela mesma traz, Martí não deixa de observar a fissura entre a técnica e o humano em diversos contextos urbanos. A construção de uma ferrovia elevada nos subúrbios da Nova York explicitaria diversos aspectos desse drama: “¡Otro muerto en el ferrocarril elevado! ¡Una pobre italiana cortada en dos por la máquina ciega!” (MARTÍ, 1963, vol. 11, p. 443). A representação da máquina agora se transforma. Em vez do idílio humanístico de uma técnica capaz de libertar o homem da escravidão do passado, ela assume a face de um mecanismo de pesadelo, indiferente à segurança e às necessidades humanas em seu inabalável movimento. Em vez de um novo tipo de beleza, *Mil e Uma Noites* para os tempos modernos, a engenharia expõe também sua capacidade de produzir a feiura, como experimentada pelos moradores



vizinhos da linha ferroviária que passa por suas janelas: “[...] contemplación constante de una estructura fea en sí, y que lo afea todo a su alrededor [...]”. (MARTÍ, 1963, vol. 11, p. 448).

A construção de ferrovias elevadas em Nova York, os *els* como foram apelidados, foi um tema que alimentou intensa polêmica na imprensa da época. Como no início eram usados trens a vapor, os elevados eram acusados de sujar a cidade, espalhar brasas em cima dos transeuntes abaixo e encher os apartamentos dos andares próximos de fumaça tóxica. Além disso, faziam os preços imobiliários desabar nas regiões por onde passavam. Os lucros consideráveis e o apoio de usuários que ganhavam acesso mais rápido aos lugares de trabalho garantiram sua expansão inicial contra a resistência dos moradores locais. Para as companhias era mais lucrativo pagar pelos prejuízos e indenizar imóveis desvalorizados do que construir dispendiosas linhas subterrâneas (FOGELSON, 2001, p. 47-56). Martí se posicionou firmemente ao lado dos protestos. Em sua análise, a entrada tempestuosa da máquina no espaço urbano acirrava ao extremo a fissura entre a técnica e a cultura ao romper as condições práticas necessárias para uma vida de introspecção e comunicação. O vocabulário onírico que expressava uma sensação de encantamento e maravilha é substituído pela imagem infernal de assovios, barulhos ensurdecedores e vapores empesteados:

La cultura quiere cierto reposo y limpieza, así como la vida doméstica; y no que cuando el orador levanta en la asamblea su voz cargada de razón, o el actor da cuerpo en las tablas a un tipo inmortal, o el abogado prepara en su despacho la peroración del día siguiente, o el padre cansado del trabajo cuenta historias de héroes al hijo que carga en sus rodillas, - les ahogue la voz el bufido de la máquina que pasa, o les perturbe el pensamiento el ruido sordo e insufrible que jamás cesa en la vía o se les entre cargada de chispas por la ventana una bocanada de humo. (MARTÍ, 1963, vol. 11, p. 448)

A mesma técnica que poderia libertar o homem da fadiga e abrir espaço para o crescimento espiritual passa a entrar em choque com a liberdade de criar quando ignora o respeito pelo interesse público. A ganância coloca a técnica ao seu serviço, impedindo a existência de espaços reservados para o silêncio, as atividades contemplativas, as artes e o convívio familiar. Nesse ponto, a fragmentação entre matéria e espírito se impõe. Um exemplo de fracasso do desejo martiano de integração entre essas duas esferas.



Além da depreciação das propriedades, o avanço bestial do elevado deformaria os hábitos que melhor caracterizariam a cidade, especialmente o potencial de beleza trazida por seus artistas e trabalhadores:

[...] lo que alarma más a los neoyorquinos de juicio, y a toda la ciudad disgusta principalmente, es el ver cómo con estos monstruos que turban su sueño, calientan su aire y llenan de humo sus entrañas, - va perdiendo Nueva York la nobleza y hermosura que convienen a una ciudad celosa de llamar con justicia la atención de los hombres. (MARTÍ, 1963, vol. 11, p. 447)

A paisagem moderna martiana é um quadro de tensões entre as próprias forças modernas. Repudiando a nostalgia agrarista pelo paraíso intocado pelo trem, assim como as formas mais materialistas e autoritárias que identificava no positivismo de seu tempo, Martí propunha que a técnica moderna deveria ser um instrumento de integração entre os homens, dos homens com a natureza e entre matéria e espírito. De certa forma, procurou desenvolver seu próprio épico da modernização, valorizando o papel dos trabalhadores comuns, a importância dos fins humanitários da técnica e as possibilidades que traria para a expansão imaginativa do homem. Como tal, foi parte da época do maravilhoso tecnológico do seu próprio jeito.

Referências Bibliográficas

BREMER, Thomas. Velocidad y aceleración como base de la experiencia de modernidad en las crónicas de José Martí. In: ETTE, Ottmar; HEYDENREICH, Titus (orgs.). *José Martí 1895 / 1995*. Literatura – Política – Filosofía - Estética. Frankfurt: Vervuert Verlag, 1994, p. 117-128.

FOGELSON, Robert M. *Downtown*. Its rise and fall, 1880-1950. New Haven: Yale University Press, 2001.

HARDMAN, Franciso Foot. *Trem fantasma*. A modernidade na selva. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

MARTÍ, José. *Obras Completas*. Havana: Editorial Nacional de Cuba, 1963. Volumes 06, 08, 09, 10, 11.

_____. *Obras Completas*. Havana: Editorial Nacional de Cuba, 1964. Volume 11 e 12.



_____. *Obras Completas*. Havana: Editorial Nacional de Cuba, 1973. Volume 28.

MARX, Leo. *A vida no campo e a era industrial*. São Paulo: Melhoramentos, 1976.

RAMOS, Julio. *Desencuentros de la modernidad en América Latina: literatura y política en el siglo XIX*. México: Fondo de Cultura Económica, 1989.

RODRÍGUEZ, Pedro Pablo. “Definir, comunicar, alertar...”. Visão martiana dos Estados Unidos em *A América*. In: *Martí e as duas Américas*. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 229-253.

ROTKER, Susana. *The American Chronicles of José Martí*. Journalism and modernity in Spanish America. Hanover, NH: University Press of New England, 2000.

SANTOS, Fabio Muruci dos. *Os homens já se entendem em Babel: mito e história da América em Oliveira Lima, José Enrique Rodó e José Martí*. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2004.

TRACHTENBERG, Alan. *The incorporation of America*. Culture and society in the Gilded Age. New York: Hill and Wang, 1982.

